

IMPACTOS DA DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL NA SAÚDE MENTAL DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL

Caroline Ferreira Guidini Giorno¹, Sabrina Resende dos Santos¹, Shayane Emanoeli Rodrigues Sotelle¹, Janaína da Silveira Seixas Melhem², Felipe Fernandes Moça Mato³, Soo Yang Le³, Barbara Ribeiro Malacarne Paiva³, Pedro Paulo Silva de Figueiredo³

¹Discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

³Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

RESUMO

O presente estudo tem o intuito de analisar os impactos que a desvalorização profissional ocasiona na saúde mental dos docentes universitários, partindo do entendimento que as práticas de desvalorização profissional estão socialmente enraizadas desde que o homem é compreendido como ser atuante no mundo, assim sendo, faz-se necessário propor aos leitores algumas reflexões acerca da importância da relação entre a desvalorização dos professores universitários e os danos que essas práticas acarretam na saúde mental destes profissionais, enfatizando a urgência em promover ambientes de trabalho saudáveis, salários dignos e condições favoráveis, considerando fatores que vão além da produtividade, respeitando a subjetividade de cada profissional.

Palavras-Chave: Desvalorização profissional; Docente universitário; Saúde mental;

INTRODUÇÃO

Diante de um sistema capitalista em que as organizações surgem em concorrência umas com as outras sob a pressão de gerar lucratividade, a saúde mental dos profissionais pode não ser um dos pontos principais que geram preocupação às instituições. A alta demanda e pressão para que os níveis de produção sejam sempre altos é presente na humanidade desde os primórdios, quando deu-se início na relação homem e capitalismo industrial. A Revolução Industrial em 1848, impulsionou o crescimento da produção com a introdução das máquinas, nessa época os operários eram conduzidos por um rígido sistema de produtividade e as necessidades de sobrevivência faziam que os trabalhadores se submetessem às condições demandadas pelo capitalismo. Desta forma, os principais objetivos da Revolução Industrial giravam em torno do lucro e da produtividade, e assim o bem-estar e a subjetividade desses não eram consideradas, nem mesmo diante das condições precárias a que eram submetidos.

Conforme aponta Zanelli (2002), em detrimento da alta demanda de produtividade e crescimento do mercado de trabalho, cresce a necessidade de produzir sempre mais, porém esse aumento na produtividade pode ser pensado priorizando a qualidade de vida dos colaboradores.

Conforme define a Organização Mundial da Saúde (1946), a ausência de doenças não implica em um bom estado de saúde, pois, não é somente a condição física que define tal estado, sendo a saúde compreendida como um estado pleno de bem-estar

e o desenvolvimento integral dos aspectos biopsicossociais, compreendendo as questões sociais, biológicas e psicológicas do indivíduo.

Sabe-se que a relação entre trabalho, subsistência e motivação desempenha um papel decisivo na vida das pessoas, incluindo os professores universitários. A valorização e o reconhecimento profissional são elementos fundamentais do bem-estar no local de trabalho. Quando os profissionais não se sentem valorizados e satisfeitos financeiramente, podem surgir vários impactos, incluindo as questões prejudiciais à saúde mental.

No contexto específico do ensino universitário, o problema da desvalorização profissional pode manifestar-se de diversas formas. Estes incluem, mas não estão limitados a salários inadequados em comparação com o nível de educação e compromisso exigido para o cargo, falta de recursos para o ensino e condições de trabalho oscilantes. Esses fatores contribuem de forma significativa para um ambiente de trabalho insatisfatório, afetando não só a motivação, mas também a qualidade do ensino e da pesquisa.

“Acredita-se que a classe dos professores é a base da sociedade, através dela são formadas todas as outras profissões. Por todas as partes do mundo, os professores criam soluções que melhoram o processo de ensino e introduzem nos estudantes o gosto genuíno pelo aprender. Desta forma, nada mais justo que reconhecer e valorizar este trabalho.” (MONTEIRO et al. 2022.p.2)

A falta de reconhecimento pode afetar a percepção da sociedade sobre a importância do trabalho do professor universitário. Quando a sociedade não valoriza adequadamente o ensino superior pode ter um efeito negativo na auto-estima e no sentido de propósito dos professores. A motivação intrínseca para o ensino e a investigação pode diminuir se estas atividades não forem devidamente valorizadas num contexto mais amplo.

É fundamental que as instituições reconheçam a importância dos professores universitários e implementem políticas que apoiem o desenvolvimento profissional. Isto pode incluir a revisão e o ajuste adequado dos salários, o investimento em infraestruturas e recursos de investigação e a criação de um ambiente de trabalho saudável e estimulante.

"Ser Professor é um ato político, social, é aceitar o desafio de contribuir para o processo de humanização do Homem, mas para tal ele mesmo, o Professor, precisa ser antes, valorizado, primeiro por ele mesmo, pelos Governos e Sociedade. A excelência na qualidade da Educação dos indivíduos e da sociedade começa pela excelência da Profissão Docente" (SANTOS, 2015)

A sensibilização social para a importância do ensino superior e para o papel essencial dos professores na formação profissional das gerações futuras é também uma parte essencial do combate à desvalorização profissional. Fomentar uma cultura que valorize o conhecimento e a educação pode contribuir para mudanças

significativas no reconhecimento e respeito dos profissionais do ensino superior. Portanto, o local de trabalho é um dos elementos que permeiam a preservação do bom estado de saúde mental do trabalhador, uma vez que, ao estar inserido em uma empresa que não oferece as devidas condições para que se execute o trabalho com dignidade, com salários não equivalentes as suas funções, empresas com políticas que não respeitam a subjetividade de cada trabalhador, demandas excessivas e poucos recursos, podem levar ao acometimento da sua saúde mental.

MATERIAL E MÉTODO

O presente trabalho tem como objetivo promover uma reflexão sobre as práticas de desvalorização profissional e os impactos dessas práticas na saúde mental dos docentes universitários no Brasil. Os levantamentos das informações apresentadas foram feitos através de pesquisas bibliográficas, com o intuito de analisar em caráter explicativo as produções de material acadêmico científico sobre a temática, suas especificidades e complexidades, e propor reflexões sobre os impactos desta desvalorização na saúde mental dos professores universitários. Para a elaboração deste trabalho foram utilizados artigos científicos produzidos sobre a temática abordada, revistas, teses, livros, sites científicos e dissertações, que serão coletados através dos portais de bases de dados indexadas como Scielo e Google Acadêmico, o projeto seguirá o modelo de pesquisa básica com cunho qualitativo. Segundo Brandão (2001), a pesquisa qualitativa tem o intuito de interpretar os fenômenos sociais partindo dos significados pessoais que elas dão as experiências vividas no contexto social. Devido a estes aspectos, ela pode ser compreendida como pesquisa interpretativa. Os conjuntos dos dados escolhidos foram utilizados como base teórica para a elaboração deste artigo.

DESENVOLVIMENTO

Relação homem x trabalho e a desvalorização profissional

Sabe-se que o trabalho está atrelado à sobrevivência humana desde o princípio da humanidade o homem era usado como uma moeda de troca para subsidiar seu sustento, desta forma cabia ao homem dar a mão de obra em troca de um ganho, conforme afirmam Borges e Yanomoto (2004, p. 28) “sendo exemplos, as comunidades de caçadores e coletores 8.000 anos a.C., a incipiente agricultura no Oriente Médio, na China, na Índia e no norte da África, o trabalho escravo nas civilizações antigas e a relação servil na Idade Média.” Ainda segundo os autores, o homem se torna uma mercadoria porque apresenta um valor de uso, assim dizendo, a sua força de trabalho gera um retorno para quem paga o salário e desta forma o homem se torna útil, adquirindo assim um valor de troca.

Diante da realidade capitalista a qual estamos expostos, em que muitas empresas baseiam suas políticas de sucesso em lucro, os trabalhadores estão com mais tendência ao adoecimento, sendo submetidos à horas exaustivas de trabalho, sobrecargas, acúmulo de funções, demandas urgentes à todo o instante e pouca

valorização profissional. Essas e outras ações excluem os cuidados das empresas para com a saúde dos trabalhadores e como isso corroboram com a desvalorização profissional, uma vez que parte do pressuposto de que o volume de produção está acima de qualquer outra prioridade.

Ao lado da *racionalidade em relação à produção*, a mais conhecida, e que tem como critério a eficácia, existem também a *racionalidade em relação ao mundo social*, a normas e valores de convivência no trabalho, e finalmente uma *racionalidade em relação à saúde mental e física*, ao mundo subjetivo de cada um (DEJOURS, p. 9).

Conforme aponta Anthony (1977), a mercantilização do trabalho proveniente do sistema capitalista, deu início a uma nova forma de instrumentalidade econômica, em que o valor imposto sobre o trabalho era determinado pelo nível de lucro que rendia aos donos das indústrias.

Para entender um pouco sobre o fundamento dessas práticas e suas atualizações faz-se necessário recapitular os modelos de trabalho que eram utilizados no período da Segunda Revolução Industrial que se iniciou entre 1850-1870 e durou até o período em que cessou Guerra Mundial entre 1939-1945. Conforme explicado por Lima (2021), é importante salientar que, para além dos marcos de desenvolvimento tecnológicos que abarcam a revolução industrial, também trouxe de maneira bem potente a ascensão do capitalismo, tendo em vista que o aumento na produtividade de trabalho gerou aumento no acúmulo de capital, nova percepção de mundo e novos comportamentos sociais.

Quando fala-se em produtividade de trabalho é importante lembrar os modelos de trabalhos iniciais que são o Taylorismo, Fordismo e o Toytismo, que eram utilizados como meio de controle de produção das indústrias no período da Segunda Revolução Industrial, mas cada um possuía características específicas referentes aos seus modos de produção. Iniciando pelo Taylorismo, criado por Frederick Taylor, segundo diz Lanchman e Uchida (2003).

De acordo com os autores citados, não considerar a subjetividade do trabalhador era um modo de manter os privilégios apenas aos que ocupam cargos mais altos como gerência ou chefia, e desta forma quanto menor a probabilidade de ascensão o trabalhador possuir, menores serão as possibilidades de que as necessidades da sua classe, sugestões de meios de execução das atividades sejam atendidas. Desvalorizando desta forma, a importância e a subjetividade do trabalhador no seu meio de atuação e atribuindo valor apenas as ideias de quem não está inserido diretamente nos processos de execução das atividades.

Taylor (1995), quando propôs a Organização Científica do Trabalho (OCT) e sua tripla divisão (divisão do modo operatório, divisão entre órgãos de concepção intelectual e execução e divisão dos homens), aparentemente buscou eliminar a subjetividade do trabalho por meio do controle dos corpos dos trabalhadores cindidos de suas mentes. (LANCHMAN E UCHIDA, 2003, p 1).

O Fordismo por sua vez, foi desenvolvido por Henry Ford em 1913 e a partir das suas ideias se iniciou a produção em série na trilha. Neste modelo de trabalho o objetivo era reduzir os custos e aumentar a produtividade, de forma que a montagem do veículo fosse realizada em etapas e cada etapa era atribuída a determinado trabalhador, desta forma o trabalhador desempenhava uma única função e a mais simples no processo de montagem, o que o tornava muito bom nessa tarefa e aumentava o número da produção e lucro da empresa e diminuía os gastos das empresas com os salários, uma vez que os funcionários contratados precisam saber desempenhar uma única função e não ter o conhecimento completo do processo de montagem, e isso certamente levava a desvalorização do profissional que passava a receber um salário menor. E para que houvesse lucro e alta demanda de produção foi criado o Keynesianismo, que destinava ao Governo a obrigação de aumentar o consumo populacional, intervindo diretamente na economia, diminuindo as taxas de desempregos e garantindo salário para que a população alimentasse o consumismo movimentando o capitalismo. (MOREIRA; SENE, 2012).

Segundo afirmam Lanchman et. al, (2003, p 4 apud DEJOURS, 199), “há uma naturalização da prática social injusta, vivenciada pelas pessoas como mal dos tempos modernos, imutável, como causalidade do destino, causalidade econômica ou sistêmica”.

No filme “Tempos Modernos” de Charles Chaplin (1936), que faz uma crítica muito interessante ao modelo de trabalho fordista, são retratadas os modelos de trabalho, a rígida especialização das tarefas e racionalização da produção, em que a produtividade é o foco central do trabalho, sem considerar bem-estar físico, mental e psicológico do trabalhador. Conforme afirma Gary Chapman (2012), partindo do entendimento que um funcionário satisfeito produz mais que um funcionário insatisfeito, o âmbito organizacional é o primeiro passo para a valorização profissional e crescimento da instituição.

De acordo com Monetiro et al. (2022), a classe trabalhadora é considerada proletariada devido à precarização da sua mão de obra, visto que, oferece a sua mão de obra para manter sua existência, de certa forma o sujeito não tem autonomia por não ser detentor dos recursos produtivos. E segundo Antunes (2002), isso denota uma personificação dos operários, na qual se estabelece uma relação de dependência com o capital, o que reduz a identidade do sujeito e suas funções são parte de um todo, divididos entre quem controla e quem produz.

O Toyotismo criado por Taiichi Ohno funcionário da Toyota em 1911, visou substituir o taylorismo-fordismo para um novo modelo de trabalho que tinha como objetivo criar mecanismos que maximizassem os lucros das indústrias, flexibilizando a produção e reduzindo os estoques, para isso seria necessário criar estratégias contra o desperdício nos setores da produção incluindo mão de obra e itens produzidos. Criou-se então o modelo de trabalho *just in time* onde a produção é feita por demanda, ou seja, após a venda já ter sido realizada e o lucro já ter sido gerado para a indústria. (PORTO, 2021).

“No Toyotismo, ha uma tendência a horizontalização, mas também a

intensificação da exploração do trabalho. Esse modelo conduz, ainda, a eliminação cada vez mais intensa do número de postos de serviço, o que implica acelerada redução do número de empregos no núcleo moderno e formal da economia.” (BORGES E YANOMOTO, 2004, p. 52)

Partindo desse ponto, entende-se o quanto as exaustivas demandas de execução eram prejudiciais e serviam como fator para a desvalorização profissional, uma vez que muitos perdiam seus postos nas indústrias, que se adequavam ao modelo Toyotista de produção. Cabe ressaltar que o desemprego ou ameaça ao desemprego geram impactos na saúde mental do indivíduo considerando que este depende do trabalho para se manter e muitas vezes se sujeita a condições até mesmo precárias, perigosas e inadequadas para manter o emprego e ter sustento para si e para os seus.

Lancman e Uchida (2003) afirmam que, faz-se necessário dar atenção a importância do trabalho e pelo fato dele causar muitos efeitos na vida do sujeito faz-se necessário, a partir dessa análise criar novos modelos de contribuições que visem melhoras aos aspectos intrínsecos que o trabalho gera em cada indivíduo e em sua personalidade.

Alguns ambientes de trabalho se tornam verdadeiros produtores de desvalorização, e a sala de aula é um deles. Segundo afirma Santos (2015, pg. 2) “observa-se um fenômeno; professores trabalhando com laudos médicos que orientam, e em alguns casos, os proíbem de ter contato com alunos, por apresentarem síndrome do pânico.” Manter os professores longe de seus postos de trabalho devido aos danos psicológicos não são mera coincidência, o autor traz em seu texto cinco tipos principais de desvalorização dos professores que denotam a necessidade de serem criadas políticas públicas que visem uma melhor forma de trabalho a essa classe.

Práticas da desvalorização profissional

Desde a revolução industrial, é possível visualizar algumas práticas da desvalorização profissional no ser-humano, como pode-se observar no modelo fordista que retrata uma organização de trabalho de rígida especialização das tarefas, em que a produtividade era primordial e não se pensava no bem-estar emocional do indivíduo. Os dias atuais não se distinguem, já que os professores universitários são submetidos a uma longa e exaustiva jornada de trabalho, assumindo uma multiplicidade de tarefas, classes com o número exorbitante de alunos, exposição a violência e vivenciando a distância entre a idealização da profissional e a realidade de trabalho, essas práticas da desvalorização afetam significativamente a saúde mental do professor universitário, causando sobrecarga, desmotivação e, conseqüentemente, a produtividade tende a decair. (GATTI et al, 2011)

As práticas de desvalorização profissional e os impactos causados na saúde mental dos docentes das universidades constam em obras de diversos autores que podem contribuir com essa pauta cuja temática é de tamanha importância na sociedade, como Marla Pires (2021), Nardi e Schneider (2014) e Marilda Lipp (2016). As condições de trabalho inadequadas, falta de incentivo, carga horária elevada, o

trabalho para além do momento da aula que engloba correções de avaliações e planejamento, aprimoramento profissional exigido, questões institucionais e governamentais; são práticas identificadas pelos autores que evidenciam a desvalorização do docente universitário. Conforme afirma Marla Pires (2021), a desvalorização profissional docente possui uma forte relação com a desvalorização do trabalho no dia-a-dia, com a falta de respeito dos alunos, falta de apoio governamental em termos de investimento, desvalorização salarial, condições materiais e outras demandas que não são atendidas, ou seja, essas são as principais e que mais afetam os docentes, mas as práticas são diversas e a cada dia o professor é afetado e não valorizado.

“O nível alto de stress detectado em professores não pode ser ignorado, pois não há dúvida de que ele afeta a qualidade de vida e a saúde física e mental desses profissionais. Não só o stress pode levar a doenças mentais e físicas, mas também pode agravar a situação na sala de aula.(...) Além disto, um ser humano estressado não tem como desempenhar sua função adequadamente, uma vez que seu poder de concentração e de pensamento lógico fica prejudicado.” (LIPP, 2016).

A subsistência humana, proveniente da produção, é um fator que contribui significativamente para que o trabalho se torne um fardo quando não há motivação para desempenhá-lo, visto que, sem o trabalho não há recursos para garantir a sobrevivência. O professor universitário tem sido afetado por esse fardo devido às práticas de desvalorização profissional, que fazem com que a fonte de sustento não seja satisfatória afetando a saúde mental do profissional prejudicando a vida como um todo. De forma geral, o trabalho sofre uma precarização e todos os tipos de desvalorização giram em torno da falta de reconhecimento do profissional e da profissão docente.

“A profissão docente é, de fato, bastante precária, haja vista que não há a devida valorização do profissional, porque as condições de trabalho são inadequadas, e a falta de incentivo, uma carga horária elevada, sem reconhecimento do trabalho, são fatores que fazem muitos profissionais desistirem da carreira docente, e os que permanecem adoecerem.” (PIRES, 2021)

Conforme afirma Vaz (2020, p.10), o trabalhador assalariado que não possui autonomia no que pratica devido não possuir os meios de produção, portanto, vende a sua força de trabalho em prol de sobrevivência. Atrelado a subsistência humana, a desvalorização do professor universitário pode ser observada principalmente através da remuneração incompatível com a profissão, pois sem trabalho não há como sobreviver. O tipo de desvalorização econômica ou salarial não atinge apenas o profissional, mas também seus dependentes familiares, inviabiliza a ascensão social e impede que o docente adquira novos conhecimentos necessários para aprimoramento pessoal e profissional. A desvalorização econômica pode ser associada com a desvalorização através das exigências sob os docentes

universitários, já que é esperado do professor uma preparação para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, mas sem recursos não é possível atender essas expectativas.

Essa é a desvalorização mais praticada no Brasil, considerando uma maneira cruel de negar, indiretamente, o direito a cidadania e de manifestação democrática, comprometendo a educação que sente as consequências da qualidade do ensino devido a impossibilidade financeira de qualificação dos professores. (SANTOS, 2015).

“Baixos salários impedem o desenvolvimento do profissional e o obriga a duplas jornadas ou empregos, dificulta o acesso às novas tecnologias de educação e para a educação, desqualifica a profissão precarizando o profissional, impingindo assim, a estagnação na carreira.” (SANTOS, 2015, P.3)

Existe outro tipo de desvalorização que pode-se correlacionar a econômica, que é a social ou de desprestígio social, ocorre quando o apreço, a admiração, o respeito e a consideração que a sociedade tem pelo profissional é inexistente. Quanto mais o professor universitário é visto com importância, a remuneração será valorizada, e quanto mais a profissão é percebida como desnecessária, a remuneração será desvalorizada. O conceito de prestígio é semelhante ao de valorização, o valor é importante para que o docente se sinta necessário e útil socialmente, afinal, é o professor que contribui diretamente para a evolução educacional do indivíduo, de modo oposto, o desprestígio pode-se associar a desvalorização, podendo afetar a saúde mental do docente já que a sociedade não o enxerga como útil. Essa desvalorização é perceptível em diversas profissões, porém, há profissões mal remuneradas que ainda possuem um certo prestígio pela sociedade, mas não é o caso do professor universitário. (SANTOS, 2015).

A desvalorização do tipo psicológico ou autodesvalorização se dá quando o próprio docente não enxerga significado em sua profissão, contribuindo para uma submissão perante a situação de desqualificação. O tipo psicológico está diretamente ligado a desmotivação e a insatisfação, quando o docente não sente satisfação em seu trabalho, gera fadiga, desprazer, falta de orgulho pela profissão e pode ficar adoecido. Essa desvalorização pode estar associada a desvalorização econômica e social citadas anteriormente, pois o professor é afetado com a remuneração insuficiente e ainda constrói a percepção de que se a sociedade não o considera importante então o mesmo também não enxerga a importância de sua profissão, é notório que um ciclo é formado já que uma desvalorização pode desencadear outras e, conseqüentemente, desencadear doenças psicológicas como *burnout*, estresse, transtorno de ansiedade, depressão e pânico uma vez que afeta a psique humana. (SANTOS, 2015).

Obsolescência é um dos tipos de desvalorização profissional que pode ocorrer na profissão de docente universitário. Essa desvalorização acontece quando a profissão não é mais solicitada pelo mercado devido a evolução histórica, científica e tecnológica. Atualmente, é perceptível que algumas profissões já foram afetadas por este fator, como os cobradores de ônibus por exemplo, mas para o professor

universitário ainda há mercado e demanda. Em contrapartida, algumas ações já evidenciam o desenvolvimento desse fato, como as aulas assíncronas que demandam apenas um momento do professor, dificultando o giro financeiro pois é fornecido um valor único, já que a aula fica gravada sem a necessidade da presença do professor nessa disciplina em diversas turmas. E como os tipos de desvalorização estão interligados, as aulas online demandam dos docentes universitários um gasto maior de tempo, para preparar o ambiente com os recursos necessários e para obter a participação dos alunos, fator que pode contribuir para a desvalorização de desprestígio social já que a sensação do docente é de que se o aluno não participa, logo, o que está sendo ensinado não é interessante. (Santos, 2015).

A desvalorização por desqualificação ou degenerescência é tão grave quanto ao tipo salarial, atinge a essência da profissão. Para Santos (2015), desqualificar é tirar a qualidade, podendo associar a quididade que significa virtude essencial, logo, se há uma (des)qualificação, então a qualidade é rompida e a quididade é perdida. O docente universitário possui a quididade pelo valor da profissão, a essência do professor é simplesmente ser professor e, (des)valorizar, cujo tema principal desta revisão bibliográfica, faz parte dessa retirada de valor da profissão do docente universitário impactando fortemente a saúde mental dessa classe trabalhadora.

Consequências da desvalorização profissional

A desvalorização profissional pode acarretar experiências negativas que podem marcar toda uma instituição, sociedade e vida. De acordo com a pesquisa de saúde e adoecimento de professores universitários: uma revisão integrativa de teses e dissertações produzidas no Brasil, Rebolo e Urt afirmam que:

“Com a análise dos 19 trabalhos, constatou-se que há um crescente aumento das investigações sobre a temática. Desde o primeiro estudo, realizado em 2000, até o ano de 2012, foram realizadas 6 pesquisas sobre a temática e, de 2014 até 2018, foram desenvolvidas 13 pesquisas. Percebe-se, assim, que é nos últimos cinco anos que se intensificam as pesquisas sobre a saúde e o adoecimento dos professores universitários.” (REBOLO E URT, 2022, p 5).

Esse número vem aumentando mais a cada ano, e junto dele a preocupação com a saúde mental dos docentes. É importante destacar que o cenário educacional brasileiro enfrenta diversos desafios, como a falta de reconhecimento, baixo salário, sobrecarga, entre outros. A profissão docente, que tem como missão instruir, é elegida uma das mais estressantes, pois ensinar tornou-se desgastante e traz adoecimentos físicos, mentais e que afetam diretamente na qualidade de vida e no desempenho profissional do indivíduo, e é por essas e outras causas, que a desvalorização da profissão vem gerando consequências marcantes na vida desses profissionais. (REIS et al., 2006).

Alguns transtornos mais provenientes da desvalorização profissional são mais recorrentes, como a Síndrome de Burnout ou a síndrome de esgotamento profissional, que vem sendo cada vez mais presente na vida de muitos docentes, caracterizado

como uma confusão emocional com sintomas de exaustão, estresse e esgotamento físico derivado de situações desgastantes de trabalho, que requerem muita disputa ou responsabilidade, sendo o excesso de trabalho a principal causa da doença e bastante comum entre profissionais que trabalham sob pressão diária e responsabilidade constante. (Ministério da Saúde, 2004).

Estudos de Vale e Aguilera (2016), constataram em uma revisão de literatura que a síndrome de burnout e o estresse são os motivos centrais de afastamento do profissional docente.

Outra consequência da desvalorização profissional é o Transtorno de ansiedade, que segundo o ministério da saúde:

“É uma reação emocional que pode estar presente em qualquer momento da vida e ser causada por diferentes situações. É um recurso importante e funcional para o organismo humano, mas se torna um transtorno quando manifestada de modo exagerado e persistente, atrapalhando diferentes áreas da vida, tornando-a disfuncional.” (MARTINS, 2022).

Freitas et al. (2021), argumentam que a ansiedade é um resultado psicológico e físico a uma ameaça autopercebida, caracterizada pelo medo subjetivo que pode estar relacionado à relação de uma pessoa com o recinto ameaçador em que está inserida, e pode ser causada por um aumento inesperado de tensão ou insatisfação. O estresse também pode ser considerado como uma das principais consequências da desvalorização do docente universitário, que assim como a ansiedade, aparece como efeito direto de esforços da pessoa em se encaixar a uma situação ou vivência que gere sentimentos de depressão, ansiedade, medo ou intimidação, podendo ser causada de origem interna ou externa. O estresse quase sempre é visto como algo negativo que prejudica o desempenho geral de uma pessoa, mas nem sempre é um esgotamento mental e físico, e sim um dispositivo natural de defesa do corpo. (FREITAS et al., 2021). Outro fator que afeta a saúde mental do docente é o transtorno depressivo, que o Ministério da Saúde afirma que é um transtorno que causa uma alteração de humor, na qual o paciente vivencia uma tristeza profunda, com redução de energia, diminuição de atividades, sentimentos de dor, desesperança, e baixa autoestima. Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (2001), a depressão é apontada na saúde pública como um problema prioritário. Freitas et al. (2021), afirma que sintomas de ansiedade, estresse e depressão aumentaram em professores durante o período desastroso da Pandemia COVID-19, o que foi uma grande peleja de adaptação para esses profissionais deixando marcas profundas.

Além de transtornos psicológicos, o docente pode enfrentar outras consequências ao longo da carreira, como impactos na vida pessoal, falta de autocuidado, dificuldades para manter relacionamentos saudáveis e desmotivação, que podem afetar o entusiasmo pelo ensino, lesando a qualidade e eficácia do trabalho.

O absenteísmo também é um fator presente e preocupante. A ausência de docentes nas escolas por problemas de saúde é comum, muitas das vezes acontece por longos períodos e causa prejuízos a todos envolvidos. De acordo com PORTO

(2020) em uma pesquisa sobre o abandono do trabalho, encontra-se entre as causas dessa problemática, a desvalorização profissional e problemas emocionais.

Análise da Literatura

A desvalorização profissional que afeta a vida dos professores universitários nos dias atuais, é um reflexo da precariedade profissional proveniente do sistema capitalista observada na revolução industrial, ou seja, não é uma prática recente e tem se desenvolvido no decorrer dos anos. Segundo Lancman e Uchida (2003), é importante atentar-se para os efeitos do trabalho em todos os campos da vida do docente, afirmação que condiz com a realidade observada também por Santos (2015), em que os professores universitários sofrem desvalorização econômica, social, psicológica, obsolescência e degenerescência, além de serem submetidos à uma realidade de trabalho que compromete a saúde mental como um todo e não apenas no quesito profissional.

Os autores Pires (2021), Nardi e Schneider (2014) e Lipp (2016), compartilham da mesma visão quanto à desvalorização do docente universitário, evidenciando algumas características norteadoras dessa prática desumana, como: as condições de trabalho inadequadas, carga horária exaustiva, baixos salários e questões institucionais e governamentais. Contudo, é possível refletir que o docente universitário encontra diversas barreiras frente à profissão, e que a vontade de ensinar ao aluno pode ser tão grande quanto a motivação que fez tornar-se docente, mas se as condições de trabalho forem precárias, não devem submeter-se a elas a fim de prevenir o adoecimento mental. Atrelado a isso, apesar de condições de trabalho insalubres evidentes, sabe-se que para a maioria da classe trabalhadora não é coerente afastar-se das atividades, visto que a necessidade de sobrevivência se sobressai, dessa forma, o professor universitário tolera inúmeras práticas de desvalorização em prol da subsistência humana. Portanto, através dessas práticas alguns transtornos mentais podem ser desencadeados, como: Síndrome de Burnout, Transtorno de Ansiedade, Transtorno de Estresse, Transtorno Depressivo, dentre outros.

Freitas *et al.* (2021), traz uma reflexão extremamente relevante sobre a relação da desvalorização do docente universitário com os transtornos de ansiedade, estresse e depressão no período da crise da COVID-19 e o aumento significativo de professores psicologicamente adoecidos. Notoriamente, esse contexto promoveu a intensificação das práticas de desvalorização que condizem com o que Santos (2015) afirma, sobre a obsolescência, que é um tipo de desvalorização e foi uma prática exposta durante a pandemia, visto que a modalidade assíncrona exigia dos professores recursos tecnológicos para transmitir as aulas e demandavam mais do docente para atrair a participação dos alunos, subentendendo-se que quando não há participação, não há interesse no conteúdo ensinado, com isso a desvalorização de prestígio social pode ser desencadeada.

Em sucessão à essas reflexões, Reis (2006) concorda com as afirmações citadas referente aos impactos da desvalorização afetarem a qualidade de vida como um todo, gerando adoecimentos físicos, mentais e no desempenho profissional.

Levando em consideração o espaço de trabalho insalubre para o docente, torna-se desinteressante frequentar o ambiente universitário por ser a fonte da desvalorização que é praticada sobre si, além do adoecimento físico e mental que é causado e conseqüentemente pode privar o docente de comparecer à instituição para a execução das aulas.

Em suma, Porto (2020) salienta uma pauta interessante através de uma pesquisa que se conecta com todas as discussões trazidas neste trabalho: o absenteísmo no meio dos docentes universitários. De acordo com esse estudo feito em 2020, uma das principais causas do absenteísmo do docente é a desvalorização profissional e problemas emocionais, podendo-se concluir que a vida do docente universitário é afetada pela desvalorização profissional que se encontra no meio universitário praticada de diversas formas, impactando toda a qualidade de vida e comprometendo o bem-estar emocional, biológico e social tornando o ambiente de trabalho uma fonte de insatisfação e desmotivação.

CONCLUSÃO

De acordo com os resultados das pesquisas bibliográficas, observou-se que são muitos os impactos que os docentes sofrem ao longo da carreira em decorrência da desvalorização profissional, e que a saúde mental é afetada, podendo desencadear transtornos mentais que, a longo prazo, trazem prejuízos em diversas áreas da vida do trabalho.

Observou-se igualmente, que o histórico da prática de desvalorização está presente na sociedade há muitos anos, porém, houveram alguns avanços consideráveis, que ainda não foram suficientes para pôr fim no ciclo de descaso com a saúde do trabalhador. A desvalorização pode assumir muitas formas e ter um impacto prejudicial na educação e na sociedade em geral. O cenário de educação brasileira enfrenta diversos desafios, mas a valorização do profissional docente, que tem como missão ensinar e trilhar caminhos de possibilidades aos alunos, ainda não é vista como prioridade.

Há algumas práticas de valorização que fariam diferença de forma imprescindível no contexto educacional, e conseqüentemente traria menos danos a saúde mental dos professores. Podemos citar algumas delas como o reconhecimento acadêmico, remuneração justa e benefícios, flexibilidade e suporte institucional, valorização social, respeito e participação dos alunos e oportunidades de desenvolvimento profissional.

O reconhecimento dessa classe será uma garantia de educação de qualidade, equitativa e inclusiva, que trará benefícios não só aos alunos, mas a toda a sociedade. Portanto, faz-se tão necessária a luta pela valorização dos docentes no Brasil de forma constante, para que em um futuro não muito distante, surjam melhorias na qualidade de trabalho e valorização desta profissão essencial para a formação do caráter humano.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, P. D. **The ideology of work**. London: Tavistock, 1977.

ANTUNES, R. L. C. Os Sentidos do Trabalho: **ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho**, 2 Ed., São Paulo, Editora Boitempo, 2009.

BORGES, L. O de; YAMAMOTO, O. H. Psicologia, organizacoes e trabalho no Brasil **Mundo do Trabalho: Construção Histórica e desafios contemporâneos**, Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Depressão: causas, sintomas, tratamentos, diagnóstico e prevenção. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/depressao>>. Acesso em: 22 out. 2023.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Síndrome de Burnout. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20ou%20S%C3%ADndrom e,demandam%20muita%20competitividade%20ou%20responsabilidade>>. Acesso em: 24 out. 2023.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. O que significa ter saúde?. [Brasília]: Ministério da Saúde. 07 ago. de 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude#:~:text=Seguindo%20essa%20linha%20mais%20abrangente,aus%C3%AAncia%20de%20doen%C3%A7a%20ou%20enfermidade.>>. Acesso em: 22 out. 2023.

DEJOURS, C. (1999b). **Conferências brasileiras**. São Paulo: Fundap e Eaesp-FGV.

FREITAS, R. F.; RAMOS, D. S., et al.(2021). Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. **J Bras Psiquiatr**. 2021; v. 70, n. 4, p. 283-92. DOI: 10.1590/0047-2085000000348. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/8DKtKHH8xFrMjSjTr7X93Lt/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 out. 2023.

GARY, C. **As cinco linguagens da valorização pessoal no ambiente de trabalho**. São Paulo, Editora Mundo Cristão, 05 jul. 2012.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. S. de; ANDRÉ, M. E. D. A. de. Políticas docentes no Brasil: um estado da arte. Brasília: **UNESCO**. 2011. Disponível em: <<https://flacso.redelivre.org.br/files/2012/07/329.pdf>>. Acesso em: 12/10/2023

LANCMAN, S; UCHIDA, S. **Trabalho e subjetividade: o olhar da Psicodinâmica do Trabalho**. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2003, vol. 6, pp. 79-90 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172003000200006>. Acesso em: 06/10/2023

LIMA, G. F. A precarização do Direito do Trabalho a partir de influências da Revolução Industrial sobre os entregadores por aplicativos no Brasil. **Revista Laborare**, V. 4, n.7, Setembro/2021. Disponível em: <<https://revistalaborare.org/index.php/laborare/article/view/86>>. Acesso em: 08/10/2023

LIPP, M. E. N. (2016). O Stress do professor frente ao mau comportamento do aluno. In D. C. Fava (Org.). **A Prática da Psicologia na Escola** (pp. 351-37). Belo Horizonte: Artesã. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/308691180> O Stress do professor frente ao mau comportamento do aluno. Acesso em: 11/12/2023

MARTINS, Fran. Transtornos de ansiedade podem estar relacionados a fatores genéticos. **Ministério da saúde**, 03 Nov. 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/transtornos-de-ansiedade-podem-estar-relacionados-a-fatores-geneticos>>. Acesso em: 14 Out.2023.

MONTEIRO, A. N. P; MOTA, R. Silveira da; VAZ, B. R. G. Desvalorização profissional dos professores. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, Espírito Santo, V.03, N. 13, Janeiro/Fevereiro 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/37379>> Acesso em: 06/10/2023

MOREIRA, J. C.; SENE, J. E. de. **Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização**. 5a. ed. São Paulo: Scipione, 2012. v. 2.

NARDI, E. L.; SCHNEIDER, M. P. Condições de trabalho docente: novas tessituras das políticas de avaliação para a qualidade. **Educação**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 215– 228, 2014. DOI: 10.5902/198464449123. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/9123>>. Acesso em: 03/11/2023

Organização Mundial da Saúde. (2001). **Relatório Mundial sobre a saúde 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra, Suíça: Editora da OMS. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0205.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2023.

PIRES, M. M. S. de. TRABALHO DOCENTE E DESVALORIZAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO NO BRASIL. Orientador: Marcos Antonio da Silva. 2021. 48 p. Monografia (Pedagogia) - **Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifca Universidade Católica de Goiás**. Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/1768>>. Acesso em: 11/11/2023.

PORTO, Tatiana Naiana Rodrigues dos Santos. *et al.* Principais causas de absenteísmo por professores: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Teresina – PI, Vol.13, n. 1, p. 2-5, jan. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e5135.2021>>. Acesso em: 22 out. 2023.

REBOLO, Flavinês; URT, Sônia da Cunha. Saúde e adoecimento de professores universitários: uma revisão integrativa de teses e dissertações produzidas no Brasil. **Revista do Centro de Educação UFSM**, Santa Maria, n. 47, p. 5, Agosto de 2022. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/53279+diagramado%20\(1\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/53279+diagramado%20(1)%20(2).pdf)>. Acesso em: 20 out. 2023.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M; CARVALHO, F. M.; BARBALHO, L; SILVA, M. O. (2006). Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 94, p. 229- 253. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/sbzFLvJbZLq69wmdVx7Ppkm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 out. 2023.

SANTOS, W. A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, N.6, N.11, p.349-358, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/9764/pdf>>. Acesso em: 17/10/2023

TEMPOS MODERNOS. Direção: Charlie Chaplin. Charlie Chaplin. Estados Unidos: Ira H. Morgan; Roland Tothorh, 1936. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtZ8q_vkKY>. Acesso em: 01/11/2023

VALE, P. C. S. do.; AGUILLERA, F. Estresse dos professores de ensino fundamental em escolas públicas: Uma revisão de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**. V. 5, n.1, p. 86-94. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v5i1.712>>. Acesso em: 24 out. 2023.

VAZ, B. R. G. O processo de trabalho docente no contexto das políticas públicas educacionais para formação docente em educação a distância: precarização. **Anais | VI Encontro Humanístico Multidisciplinar – EHM e V Congresso Latino Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares – CLAEHM**. Novembro, 2020, Online. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/37379>>. Acesso em: 11/10/2023

ZANELLI, J. C. **Movimentos Emergentes na Prática dos Psicólogos Brasileiros nas Organizações do Trabalho: Implicações para Formação**. In: Achcar, R. (org.). **Psicólogo Brasileiro: Práticas Emergentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.